

«manifestação», «o eu», «o não-eu», etc. O metafísico reconhece que não pode fornecer um critério de verdade, como a lógica reclama; abstina-se no entanto a introduzir nestes termos alguma coisa, representações, sentimentos concomitantes; isso não é dar-lhes uma significação, como sabemos. As pretendidas proposições metafísicas, que contem tais palavras, não teem sentido algum, não dizem absolutamente nada e não são enfim senão pseudo-proposições. Veremos mais tarde como elas foram introduzidas no caso da história».

Acabamos de ver, por outro lado, como elas são construídas psicológicamente: a análise lógica e a análise psicológica convergem. A metafísica, não tem sentido lógico e é uma observação psicológica. Esta observação consiste no desvio dos processos eficientes do pensamento, conjugado com processos de auto-ilusão que são habituais no pensamento. Estes processos, na linguagem e pensamento como não são em geral perigosos; são liberdades de linguagem, abreviaturas, transposições, figuras, etc., que são facilmente rectificadas, e reductíveis a expressões concretas. Tal mecanismo, transposto para a dialéctica metafísica, conduz a equívocos constantes, que se estabilizam, se transformam em auto-sugestões, e originam por seu turno novas miragens. O pensamento psicológico e lógico começa então a trabalhar no vácuo, como uma bomba sem água.

A confusão da esfera empiro-lógica e emotiva, a interferência do pensamento científico e emotivo, aumenta ainda esta confusão, como já temos dito em outro trabalho. O pensamento metafísico, vazio de conteúdo lógico e psicológico, alimenta-se artificialmente de representação e emoção, e assim consegue manter-se no ar, em equilíbrios de complicados malabarismos. Mas tudo isso num momento alui, porque a estrutura lógica e psicológica está totalmente viciada.

Podemos definir a questão em bloco dizendo que a Metafísica quer construir um mundo sem estar de posse de nenhum elemento com que o possa construir. Emprega então os elementos doutro mundo, desfigurando-os. Para o conseguir, passa à forma transcendente estes elementos, cortando-lhes as ligações com o dado, e esvaziando-os de conteúdo. E então ou os elementos de construção ficam vazios de

conteúdo lógico e psicológico, ou lhes é introduzido um conteúdo fictício ou impróprio. A Metafísica reduz-se assim ou a um jôgo fictício de símbolos, ou a símbolos preenchidos com elementos da affectividade e da emoção. Mas estes elementos da emoção vão simular símbolos que originariamente teem outra origem, e daí o paradoxo, a vacuidade e a inconsistência.

No fundo a Metafísica quer construir uma realidade imaginária, sem elementos sensíveis; quer uma realidade que se opõe à objectiva, mas não sabe onde ir buscar os elementos para construir essa realidade: corta para isso as ligações com o real, tudo reduz a símbolos formais e tenta construir o transcendente com êsses símbolos formais. Mas a origem de tais símbolos é ainda o mundo sensível e da experiência; o facto de serem cortadas as raízes a tais símbolos, não lhes suprime a origem, como o facto de cortarem as flores dum terreno lhe não retira o carácter terreno. Desta forma a Metafísica constrói o seu transcendente com espectros e fantasmas do sensível. A «coisa em si» é, afinal de contas, e essencialmente, «uma coisa»; e «uma coisa» é um símbolo d'origem sensível; passando ao transcendente leve consigo a sua origem terrena: corta-se a flôr, mas as raízes ficam na terra. Se lhe substituirmos o nome, para criar uma ilusão, e lhe chamarmos o Nou-mêno, a realidade dos factos permanece intacta sob as vestiduras do artificio.

A Metafísica distingue-se assim da arte. Esta cria um mundo fictício com os elementos do real, por uma coordenação diferente do real; de blocos de mármore faz o Parthenon, a Victória de Samotrácia; com pastas coloridas faz o mundo de Rembrandt, de Rafael ou de Rubens; com elementos do sensível os poetas povoam os bosques, as nuvens e os mares; são mundos imaginários, mas architectados com formas, cores, volumes e imagens cujos elementos são reais. E' com êste processo que o artista exprime o sentimento da vida: e pouco importa que se trate da arte poética, escultórica ou mitológica, pois os processos são no fundo idênticos.

A Metafísica oscila, com tendência, entre a filosofia propriamente dita e a Arte; participa da Razão e da Emoção, e move-se entre o conhecimento e a expressão do sentimento da vida.

Foge assim do real, donde parte, e tenta